

ARTIGOS

GRIFE RELIGIOSA: COMO MANTER A IDENTIDADE CRISTÃ-ADVENTISTA NUM MUNDO PLURAL

Marcos De Benedicto, D.Min.

Jornalista e doutor em Teologia pela Andrews University (EUA)

Artigo apresentado no IV Simpósio Nacional de Universitários Adventistas, em agosto de 2004
marcos.benedicto@cpb.com.br

RESUMO: Manter a identidade religiosa num mundo caracterizado pelo pluralismo é cada vez mais difícil. Este artigo explora os múltiplos fatores que influem na definição/indefinição da identidade religiosa, e propõe estratégias para ajudar o jovem a expressar a identidade cristã-adventista de maneira ousada e criativa.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, mudança, pluralismo, religião, adventismo.

Religious hallmark: how to maintain the christian-adventist identity in a plural world

ABSTRACT: In a pluralistic world, it is very hard to have and to keep a particular religious identity. This article deals with several factors that affect the definition/indefinição of religious identity, and suggests strategies for young people to find and express their christian-adventist identity in a bold, creative way.

KEYWORDS: identity, change, pluralism, religion, adventism.

1. INTRODUÇÃO

Ter e manter uma identidade religiosa definida no contexto globalizante do século 21 é cada vez mais difícil. Algumas das grandes palavras da moda nos últimos anos são ecumenismo, diversidade, globalização, multiculturalismo e pluralismo. Como as competições esportivas sempre nos lembram, ter uma identidade particular, com a bandeira do seu país tremulando no lugar mais alto, ainda é bom e emocionante, mas isso em certas áreas já não é tão fácil.

Não é preciso ser um analista de tendências para constatar que o mundo passa por uma fase de imensa transformação. A história está se acelerando a um ritmo vertiginoso. O excesso de velocidade não começou no século 21, mas ganhou um incrível impulso nos últimos anos. A cada dia, a tecnologia derruba barreiras e torna o mundo menor, criando mudanças no tempo, nos costumes, na linguagem, em tudo. Ela afeta o trabalho, a educação, a espiritualidade e uma infinidade de outros aspectos. A aceleração fragmenta estruturas e apaga tradições. Isso gera uma crise de identidade e de significado.

Várias tradições religiosas estão preocupadas com a identidade de suas comunidades e instituições. Cristãos, judeus e muçulmanos têm escrito livros sobre o assunto. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, sempre super cuidadosa com a sua identidade, também começa a se preocupar. As perguntas são muitas e as respostas nem sempre são claras. Sentimos que o tema é importante, mas podemos facilmente patinar na areia movediça da subjetividade.

Neste artigo, eu exploro os múltiplos fatores que influem na definição/indefinição da identidade religiosa, e proponho algumas estratégias para ajudar o jovem a manter e expressar a identidade cristã-adventista de maneira ousada e criativa, num mundo caracterizado pelo pluralismo.

Vou dividir a artigo em três partes. Primeiro, sugiro algumas características da identidade. Segundo, para contextualizar o assunto, pinto um rápido panorama dos fatores que conspiram contra a identidade religiosa na atualidade. Por fim, proponho sete estratégias que

podem ajudar você a manter a sua identidade cristã-adventista num mundo global e plural. O enfoque combina *insights* pessoais, psicológicos, sociológicos e teológicos.

2. A DEFINIÇÃO DA IDENTIDADE

A religião não é apenas uma crença, mas uma filosofia e um estilo de vida. Por isso, ela tem uma enorme influência em nossa vida. Mas como se forma a identidade religiosa? Vejo cinco aspectos que merecem destaque. A identidade é (1) dinâmica, (2) interativa, (3) sociológica, (4) progressiva e (5) transcendental.

2.1. A IDENTIDADE É DINÂMICA

A identidade religiosa não é estática. Ela é dinâmica. Todos os dias, em todas as interações, por todos os meios, você está redefinindo a sua identidade. É claro que a identidade básica não muda. Aliás, é a repetição de um padrão estável que possibilita a identidade. Se você não dramatizar continuamente no palco do mundo suas crenças, rituais e tradições, sua identidade se tornará irreconhecível. Mas, em certo sentido, a identidade é moldada, aprofundada e recriada constantemente. A sua grife religiosa é mutante. Assim como as marcas de tênis ou roupas da moda mudam na sua preferência, ou pelo menos os modelos das várias marcas, os valores éticos e religiosos também sofrem variações.

Uma tradição religiosa só pode se manter viva se for discutida, repensada e reavaliada com frequência. Caso contrário, ela se fossiliza e morre. Vira uma relíquia histórica, uma nota de rodapé. O mesmo ocorre no nível individual. A religião tem um papel fundamental na busca do eu e na definição da identidade pessoal, mas ela não pode ser vista apenas como um dogma, um conjunto de crenças cristalizado e imutável. Religião inclui atitude, experiência, vivência. A identidade religiosa deve ser tão dinâmica quanto à identidade pessoal. Paradoxalmente, ela está sempre mudando para nunca mudar.

2.2. A IDENTIDADE É INTERATIVA

Todos nós dependemos dos outros para definir a nossa identidade. Não existe uma identidade puramente nossa, isolada do contexto cultural. Deus é o único que pode revelar a sua identidade sem depender do que os outros pensem ou digam. Por isso, ele pode afirmar: “Eu sou o que sou” (Êx 3:14). Embora eu não possa refletir aqui sobre esta afirmação, devo frisar que ela expressa uma verdade fundamental: Deus é o referencial último e é seu próprio referencial. No nosso caso, isso não ocorre. Você é o que acha que é, o que os outros dizem que você é e, acima de tudo, o que Deus diz que você é.

Até Jesus perguntou: “Quem o povo diz que eu sou?” (ver Lc 9:18). É claro que Jesus também podia se definir com o identificador “Eu sou”, pois tinha consciência de ser divino, mas a opinião do povo sobre a sua identidade messiânica tinha importância para ele. A percepção que os outros têm de nossa identidade determina, em grande parte, a extensão de nossa influência. Há um jogo interativo: a identidade projeta nossa imagem pública, que afeta a percepção pessoal/social de nossa identidade, o que condiciona o impacto da nossa missão.

2.3. A IDENTIDADE É SOCIOLÓGICA

Existe uma tensão entre o individual e o coletivo na identidade religiosa. A religião é um fator pessoal e também social. No passado, as fronteiras entre as religiões eram muito mais estáveis. Você nascia num contexto social e a sua fé era definida pelo grupo. Com raras exceções, a identidade era imposta de fora. Ela vinha culturalmente. A partir da Reforma, no século 16, as coisas começaram a mudar. Houve uma fragmentação. Hoje, na maioria dos países do Ocidente, você escolhe a sua religião. Em muitos casos, as pessoas pegam retalhos de várias tradições para montar o seu mosaico religioso pessoal. As fronteiras são tênues e fluidas. Numa era de estradas digitais e viagens virtuais, não adianta colocar policiamento ideológico, porque as pessoas migram com facilidade. Há mais de um bilhão de computadores no mundo, sem falar nas TVs e outras mídias, e as pessoas estão tendo acesso a novos mundos.

É claro que a religião continua sendo altamente influenciada pelo contexto social. Por isso, você pode encontrar mais diferenças entre, digamos, um grupo católico angolano e outro australiano do que entre grupos protestantes e católicos dentro de um mesmo país, seja Angola ou Austrália. Mas o espaço individual está cada vez maior.

Na era pré-moderna, a religião era a moldura conceitual básica da sociedade. Na era moderna, que dominou o pensamento da sociedade ocidental a partir de 1700 até o século 20, a religião virou basicamente uma disciplina acadêmica, sendo, muitas vezes, imposta pelas instituições dominantes. Agora, com a chamada era pós-moderna (termo que uso por amor à convencional idade), a religião se torna basicamente um fenômeno a ser “sincretizado” no nível individual, embora vivenciado no âmbito coletivo. Em termos religiosos, você escolhe a sua identidade.

2.4. A IDENTIDADE É PROGRESSIVA

Até que ponto os jovens têm consciência de sua identidade religiosa? Em que idade eles começam a ter experiências espirituais que definem a sua fé? Creio, baseado em observação pessoal e leituras, que já na infância ocorrem experiências religiosas significativas, bem como o início da formação da identidade. A identidade talvez permaneça em estado semiconsciente, vindo à tona em momentos de crise, mas ela está lá. A profundidade dessa identidade, porém, depende de como ela foi interiorizada. Se os agentes socializadores (pais, escola, igreja) cumpriram o seu papel direito, a identidade terá um caráter dogmático bastante forte. Também, quanto mais intensa e marcante a experiência, mais facilmente ela será lembrada e maior efeito terá na identidade religiosa do jovem. À medida que o adolescente amadurece, as experiências são reinterpretadas, podendo ser esquecidas ou conscientemente incorporadas ao seu repertório espiritual.

Podemos falar em estágios da identidade religiosa. Dos sete aos 12 anos, as crianças focalizam sua experiência religiosa em torno de situações concretas e têm um forte senso da proximidade de Deus. Já os adolescentes, na faixa de 13 a 15 anos, focalizam mais as generalidades e começam a nutrir dúvidas sobre a existência de Deus ou sua disposição de ajudar. Os adolescentes têm uma atitude mais crítica em relação às crenças religiosas e ao comportamento adulto do que as crianças. Suas orações diminuem. Com a vida ganhando um horizonte mais amplo, Deus é buscado mais num contexto de decisões e escolhas morais. Entre os 15 e 20 anos, a clarificação e a estabilização começam a se delinear. A experiência com Deus se desenvolve num nível mais abstrato e internalizado. A busca da identidade se intensifica. Deus começa a ser uma fonte de força interior.¹

Nos diversos estágios de desenvolvimento da sua identidade religiosa, é provável que você tenha (1) um contato geral com a cultura religiosa do seu grupo, (2) um encontro com a essência do sistema religioso, (3) uma imersão na dinâmica da fé, (4) um período de internalização e (5) uma abertura para o comprometimento. Tendo chegado a essa fase, você pode fazer o caminho inverso, indo na direção da desintegração total da identidade, ou pode amadurecer cada vez mais, nutrindo e refinando a identidade religiosa através de um processo de pensamento e comportamento consciente e responsável.

2.5. A IDENTIDADE É TRANSCENDENTAL

A identidade religiosa é transcendente em vários níveis e aspectos. Primeiro, o ser humano foi criado à imagem de Deus, o que inclui a sua totalidade: corpo, mente, individualidade, relacionalidade, soberania sobre o mundo e criatividade, para citar alguns aspectos. A imagem/identidade, portanto, é dependente de Deus. Segundo, além de conferir identidade ao ser humano, Deus é quem restaura essa identidade. Sem a intervenção divina, a identidade se torna fragmentada. Terceiro, a comunidade religiosa de Cristo na Terra é uma antecipação e representação imperfeita da comunidade perfeita do Reino de Deus. Quando o crente entra para essa comunidade, ele recebe uma nova identidade em Cristo. Quarto, é Deus quem diz que tipo de identidade a pessoa realmente possui. No julgamento, em certo sentido, ele “fixa” essa identidade para a eternidade. Por fim, a identidade ganhará um novo *status* e refinamento no futuro. Em Apocalipse 2:17, João usa a imagem, literal ou simbólica, de um novo nome escrito numa “pedrinha branca” para representar a identidade escatológica do crente. Portanto, a identidade religiosa, coletiva ou individual, é altamente transcendente.

3. A INDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE

Se existem vários fatores que influem diretamente na deformação da identidade religiosa na atualidade, cinco deles têm um peso enorme. É neles que vou me concentrar, fazendo breves comentários: ecumenismo, pluralismo, colapso das ideologias,



homogeneização do pensamento e redefinição interna. O enfoque principal aqui é na identidade denominacional.

3.1. PRIMEIRO FATOR: ECUMENISMO

Ninguém pode tratar do assunto da identidade religiosa na atualidade sem considerar o papel do ecumenismo. Modernamente, as vozes pioneiras defendendo o ecumenismo apareceram no final do século 19.² Nas primeiras décadas do século 20, vários teólogos importantes assumiram o discurso ecumênico. Um deles foi Oscar Cullmann (1902-1999), que, apesar de sua formação luterana, foi recebido pelos papas Pio XII, João XXIII e, sobretudo, Paulo VI, sendo pessoalmente convidado a participar como observador do Concílio Vaticano II, na década de 1960. Por isso, o teólogo suíço Karl Barth costumava brincar que na lápide de seu amigo Cullmann seria escrito: “Aqui jaz o conselheiro de três papas.”

Mas foi a partir de 1948, com a fundação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em Amsterdã, que o movimento ecumênico ganhou força. Sediado em Genebra, Suíça, o CMI conta atualmente com 347 igrejas-membros, representando mais de 500 milhões de cristãos protestantes, anglicanos e ortodoxos em cerca de 120 países, nos cinco continentes.³ A Igreja Católica não faz parte, mas coopera com o organismo. O Vaticano quer liderar o processo ecumênico, não ser parte dele.

Na década de 1960, o Concílio Vaticano II deu ao ecumenismo uma nova dimensão e importância, ao definir que a Igreja Católica deveria incentivar e promover a unidade cristã. No embalo do Concílio, uma série de diálogos entre católicos e líderes de outras tradições religiosas teve início, principalmente nos Estados Unidos. Com isso, o número de encontros, comissões, documentos e publicações sobre o assunto se multiplicou. O papa João Paulo II, por sua vez, incorporou o espírito conciliador do Concílio Vaticano II, considerando a tarefa ecumênica uma das prioridades pastorais de seu pontificado. A encíclica *Que todos sejam um*, divulgada em maio de 1995, foi um forte chamado à unidade. Para o papa, o ecumenismo é parte da vida e da missão da Igreja.

Os frutos de toda essa articulação estão aparecendo. Atualmente, católicos e ortodoxos reconhecem que apenas diferenças superficiais os impedem de manter plena comunhão. Anglicanos e católicos estão em adiantada fase de entendimento. Um dos passos mais significativos foi dado no dia 31 de outubro de 1999, quando católicos e luteranos assinaram a Declaração Conjunta Sobre a Doutrina da Justificação, na cidade de Augsburg, Alemanha. Em um de seus pontos altos, o documento dizia: “Juntos confessamos: só pela graça e pela fé na ação salvadora de Cristo, e não com base em nossos méritos, somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito Santo, que renova nossos corações e nos habilita e conclama a realizar as obras do bem”.

Entre os elementos catalisadores do ecumenismo, com maior ou menor influência, podemos citar o desejo natural e bíblico da unidade de todos os crentes, a aura do papado, a eficiente diplomacia do Vaticano, a força do paradigma carismático (que possibilita um trânsito livre entre várias vertentes e tradições), as aparições da Virgem Maria, o objetivo comum de lutar contra as ameaças terroristas e a defesa da cultura ocidental no choque sutil de civilizações.

O ecumenismo é um sonho bonito. Mas seria a solução dourada para a fragmentação lamentável do cristianismo? A Igreja Adventista tem mantido diálogos com alguns grupos religiosos, como os católicos e luteranos. Mas a posição tradicional da igreja não mudou essencialmente, apesar de protestos em contrário. Os adventistas ainda suspeitam do *glamour* do movimento ecumênico.

Bert Beach talvez expresse bem a visão adventista sobre o assunto, quando diz que o Espírito Santo “produz uma fusão espiritual, não uma confusão ilusória”. Para ele, o cenário bíblico do fim não retrata “uma espécie de igreja-jumbo representando o povo de Deus, mas um remanescente perseguido e unido, tendo a fé de Jesus e guardando os mandamentos de Deus”.⁴ O verdadeiro ecumenismo, para ser bíblico, teria de levar de volta a Jerusalém, não a Roma. Ou seja, o ecumenismo teria de restaurar e adotar o ensino e a prática da igreja apostólica.

3.2. SEGUNDO FATOR: PLURALISMO

O pluralismo também passou a influir decisivamente na descaracterização da identidade religiosa. Pluralismo é uma palavra ambígua, com muitos sentidos. Alguns a usam

simplesmente para indicar a diversidade religiosa existente num determinado lugar. Outros empregam o termo como sinônimo de tolerância religiosa. Mas o significado mais técnico e teológico do termo tem a ver com a origem e a legitimidade de todos os movimentos religiosos.

O pluralismo é um produto relativamente novo, mas a sua matriz é mais antiga. Foi a partir do século 18, em parte por influência do romantismo, que a idéia da variedade começou a ser valorizada. Antes, a verdade era monolítica. Vinha de cima, imposta por papas e reis. Não havia lugar para nuances. A partir daí, os motivos pessoais passaram a ser considerados. Até certo ponto, o absoluto se relativizou e o relativo se absolutizou. O particular passou a ser ouvido e respeitado. A lógica dessa forma de pensar foi permeando a mentalidade coletiva da sociedade ocidental. Na segunda metade do século 20, o pluralismo ganhou fortes adeptos.

O nome mais célebre associado com o pluralismo religioso é o do teólogo e filósofo inglês John Hick. Para ele, todas as religiões são respostas humanas ao Real (a realidade última), condicionadas histórica e culturalmente. Portanto, todas devem ser consideradas “espaços soteriológicos alternativos”, onde as pessoas encontram salvação, libertação e realização.⁵ Segundo o autor, em vez de o cristianismo ser a única religião verdadeira orbitando ao redor de Cristo, todas as religiões (incluindo o cristianismo) orbitam ao redor de Deus e são igualmente válidas em seu contexto cultural. Uma religião não pode pretender ser superior às outras, pois nenhuma tem uma visão definitiva da realidade última. Hick faz uma diferença entre o Real e as múltiplas percepções do Real pelas pessoas. O Real, que corresponderia de algum modo ao conceito místico judaico *En Soph*, ao árabe *Al Haqq*, ao sânscrito *sat*, ao hindu *nirguna Brahman* e ao chinês *zhen*, evoca respostas humanas, mas o que as religiões percebem não é o Real.

Muita coisa já foi escrita defendendo ou criticando as idéias de Hick e seus discípulos.⁶ Nos seminários, um dos campos mais pesquisados hoje é o da teologia das religiões. Alguns teólogos cristãos estão tentando abordar o tópico a partir da pneumatologia, pois é mais fácil primeiro admitir que o Espírito Santo trabalha com todas as tradições religiosas, para depois argumentar que Cristo é o único Salvador.⁷ Em geral, os eruditos analisam o tema sob três categorias:

Exclusivismo: a pessoa pensa e defende que a sua religião é a única absolutamente verdadeira. As outras são falsas e podem até ser instrumentos do diabo. Nesta perspectiva, a salvação é dependente da identidade religiosa. Durante séculos, o cristianismo oficial adotou esta postura. Ela ainda é vista entre alguns grupos cristãos, judeus e islâmicos fundamentalistas.

Inclusivismo: a pessoa considera a sua religião verdadeira, mas admite que outras religiões podem ser parcialmente verdadeiras e estar sinceramente buscando a verdade final. A salvação depende de outros fatores, como a resposta do indivíduo à oferta divina, e não da identidade religiosa. Esta é a perspectiva que talvez mais corresponda ao pensamento evangélico hoje, incluindo o adventismo.

Pluralismo: a pessoa acredita que todas as religiões são legítimas, válidas e verdadeiras, no seu contexto, pois todas evoluem num padrão semelhante e são construções culturais. Nenhuma teria o direito de reivindicar exclusividade em relação à revelação, verdade e salvação. Por isso, você não precisa evangelizar. Este é o pensamento de vários teólogos liberais. Em alguns meios teológicos sofisticados, não é mais politicamente correto falar na particularidade de Jesus como Salvador. Para Hick, Jesus não tinha consciência de ser divino, nem reivindicou esse *status*.⁸

Como se posicionar diante dessas alternativas? O exclusivismo, que parecia fadado ao desaparecimento, está de volta com o fundamentalismo islâmico e cristão. Mas certamente não é uma alternativa saudável. O pluralismo, por outro lado, vai além do texto bíblico e da lógica. Jesus não evitou o escândalo da sua origem e do seu destino celestial (Jo 6:38, 60-62), nem o escândalo da particularidade (Jo 14:6). Ele reivindicou ser divino e se apresentou como o único caminho para Deus.

Se diferentes religiões ensinam coisas contraditórias, nem todas podem ser igualmente verdadeiras. A maioria das religiões tem elementos de verdade e ensina o amor ao próximo e o respeito pela vida, pregando uma ética da reciprocidade (Regra Áurea). Muita gente em diversas religiões será salva. Mas, se a lógica ainda funciona, nem todas podem estar totalmente certas. Isso seria um absurdo contra-senso.

Admito que o pluralismo, no sentido de convivência pacífica de diferentes grupos, sem conflito e sem assimilação forçada, pode ser saudável. Mas não pode ser apenas nivelização e homogeneização. Para ser válido, o pluralismo tem de se contentar em ajudar as religiões a se respeitarem, cada uma mantendo a reivindicação de ter a verdade. O estudo, o progresso do conhecimento e o tempo vão mostrar quem tem razão. Ainda acredito na capacidade de pensar de forma crítica e descobrir o que é correto.

Vamos pensar numa metáfora do esporte, linguagem que muitos entendem melhor. Suponhamos que você é torcedor do São Paulo. Você assiste aos jogos na TV, veste a camisa, torce pelo sucesso do time, acha que ele merece o título, vibra quando ele ganha e lamenta quando perde. Pela lógica do senso comum, tem algo de errado nisso? Não. Mas suponhamos que você torça para o time imaginário Guerreiros da Bola. Fanáticos, os torcedores do GB, você no meio, consideram todos os outros times inferiores e agridem os outros torcedores. Isso é tolerável? Não.

Mudemos para a metáfora do patriotismo. É legítimo gostar do seu país? Óbvio. Você pode se estremecer de orgulho quando canta o Hino Nacional e agitar a bandeira, revelando seu elo com o país. Porém, o problema começa quando você acha que os outros países são inferiores e devem ser subjugados ou explorados. Ninguém tem o direito de hostilizar gratuitamente outros países apenas por não ter nascido neles.

Algo semelhante ocorre na religião. Você deve gostar da sua igreja, torcer por ela, defendê-la e promovê-la, mas não deve hostilizar as outras religiões. Com um pouco de generosidade, você pode até elogiar o que elas têm de verdadeiro e positivo. Todavia, isso é diferente de dizer que todas são a mesma coisa só porque todas lidam com o sagrado, pesquisam a verdade e buscam o sentido último.

3.3. TERCEIRO FATOR: COLAPSO DAS IDEOLOGIAS

Um fator que contribui para a indefinição da identidade religiosa é o colapso das ideologias. O pós-modernismo é uma tentativa de conceituar o fim das grandes narrativas como explicações abrangentes do mundo. Não acho o termo adequado, até porque existem outros termos igualmente válidos ou talvez melhores, mas isso não vem ao caso. O fato é que, pelo menos no momento, parece realmente haver uma falência geral dos grandes sistemas filosóficos ou políticos. A partir da década de 1980, a polarização ideológica sofreu um notável enfraquecimento. Na arena religiosa, que ecoa o universo secular, as pessoas também não parecem muito preocupadas com grandes elaborações teológicas. O rótulo de “herético” não é mais tão temido. Isso é reflexo da mudança de paradigma no pensamento global.

No lugar da ideologia, entrou o pragmatismo religioso. Se funciona ou parece que funciona, serve. Para muitas pessoas, o mais importante não é a viabilidade bíblica ou lógica de certo ensino, mas a sua funcionalidade. Por isso, a mobilidade religiosa através das fronteiras denominacionais é muito maior. O grau de filiação religiosa também pode variar. As pessoas podem ter uma identidade dupla ou mesmo tripla, sem senso de culpa.

Como a censura teológica diminuiu, muita gente entrou na fase do consumismo religioso. O consumismo religioso é, ao mesmo tempo, uma causa e um reflexo do consumismo secular. A sociedade ocidental, com ênfase para os países mais ricos da América do Norte e da Europa, vive uma onda de consumismo. As pessoas compram o que precisam e o que não precisam. Milhões de norte-americanos vivem endividados com cartões de créditos. Eles compram na ilusão de resolver o vazio da vida, e ela se torna ainda mais fútil. Um fenômeno paralelo é notado no *shopping center* religioso. As pessoas vão atrás do que, aparentemente, vai resolver seus problemas imediatos. A religião é baseada na necessidade imediata. A fidelidade à marca preferida é menor do que era há poucos anos. Vivemos no tempo em que Babilônia seduz a Terra com suas muitas mercadorias.

3.4. QUARTO FATOR: HOMOGENEIZAÇÃO DO PENSAMENTO

A homogeneização do pensamento religioso na atualidade é um fenômeno incrível, algo impensável há alguns anos. Aparentemente, temos uma fantástica diversidade de ofertas. Porém, a diversidade, em certo sentido, é falsa. Há inúmeras opções de religiões e igrejas, mas a maioria partilha uma mentalidade básica. As matrizes não são muitas.

É como no mercado. Você encontra uma variedade imensa de marcas e linhas de produtos, mas muitos deles pertencem à mesma multinacional. Você pode gostar do sabonete Lux e a sua namorada pode preferir o Vinólia. Porém, ambos são fabricados pela Unilever. Na



verdade, se ela quiser um sabonete mais cremoso para o rosto e optar pelo Dove, descobrirá que ele também é fabricado pela mesma multinacional.

Há uma influência pervasiva nos conceitos. As companhias automobilísticas copiam as tendências umas das outras. Alguns carros populares como Fiesta, Gol e Pálio têm uma identidade conceitual básica. Na religião, nunca foi tão fácil ser diferente, pois nunca tanta gente foi tão igual. Um dia, na perspectiva apocalíptica, muitas correntes religiosas estarão todas sob o guarda-chuva global da Babilônia mística. Será que estamos chegando a esse dia?

3.5. QUINTO FATOR: REDEFINIÇÃO INTERNA

Várias tradições religiosas estão reavaliando e redefinindo sua identidade a partir das correntes e ondas religiosas mundiais. Vou me concentrar aqui no adventismo. A Igreja Adventista começou com uma identidade bastante aberta. A maioria absoluta de seus pastores e membros tinha vindo de inúmeras igrejas. Mas, com o tempo e a incompatibilidade teológica, ela começou a particularizar sua imagem. No início, pensou-se no nome Igreja de Deus, mas ele foi rejeitado por parecer muito pomposo. Por fim, escolheu-se o nome atual. O nome adventista do sétimo dia, ao contrário de Igreja Católica, Igreja de Deus ou Igreja Universal, é altamente particular e focalizado na identidade. A identidade adventista é primariamente bíblico-teológica e apenas secundariamente cultural-social. O adventismo prega a volta de Jesus e guarda o sábado, entre outras coisas. Mas essa forte identidade vem se diluindo.

Um dos momentos decisivos na mudança do particularismo adventista ocorreu em 1957, com a publicação do livro *Questions on Doctrine*, recentemente relançado em uma edição anotada.⁹ O livro, reconhecido como o mais divisivo na história do adventismo, foi elaborado por um pequeno grupo de líderes adventistas, com a bênção implícita (mas não oficial) da Associação Geral. Foi resultado de uma série de encontros entre líderes adventistas como LeRoy E. Froom, W. E. Read e Roy Allan Anderson e o pesquisador Walter Martin (mais tarde, autor de *The Kingdom of the Cults*), Donald Grey Barnhouse (editor da revista *Eternity*) e George Cannon (professor de teologia no Nyack Missionary College). No livro, os autores respondem a uma lista de perguntas elaboradas por Martin. Esses encontros e o livro foram uma tentativa de aproximar o adventismo da comunidade evangélica e acabar com o rótulo de “seita” (ou “culto”). Mas, se a imagem adventista melhorou em relação ao público evangélico externo, os debates teológicos internos aumentaram.

Cabe aqui uma pergunta: se o adventismo ganhasse total aceitação do público cristão, será que ainda continuaria sendo adventista, com a sua identidade peculiar? Talvez a única alternativa à altura para a identidade imaginária coletiva adventista é uma experiência ímpar do Espírito, com o foco na missão de elevar Cristo como o único Salvador do mundo, não importem os perigos. Ou seja, o adventismo tem uma forte identidade doutrinário-teológica, e apenas a experiência da chamada “chuva serôdia” poderia se rivalizar com a identidade tradicional.

Para ter equilíbrio, devemos manter uma tensão criativa entre o foco interno e o externo, o passado e o presente, a teologia e a experiência. Devemos olhar para a particularidade adventista e a universalidade cristã. Se defendermos apenas os elementos distintivos adventistas, deixaremos de ser evangélicos; se enfatizarmos apenas os pontos comuns com outros cristãos, deixaremos de ser adventistas. Temos de buscar as duas coisas. Devemos olhar para o passado (o legado dos pioneiros) e o futuro (a esperança escatológica), combinando-os para viver o presente (a experiência do momento). Se olharmos apenas para o futuro, perderemos referência; se olharmos apenas para o passado, perderemos relevância. É preciso também combinar verdade objetiva (teologia) e vivência subjetiva (experiência). Se buscarmos apenas a experiência, perderemos a âncora (estabilidade); se nos concentrarmos apenas na teologia, perderemos o fogo (vibração).

4. COMO FORTALECER A IDENTIDADE

Num contexto de indefinição e deformação da identidade, como manter e expressar a identidade religiosa? Aqui estão sete sugestões: (1) conheça os elementos identificadores da sua fé; (2) tenha uma visão equilibrada e realista da identidade da sua igreja; (3) atualize o conhecimento da verdade e contextualize a mensagem; (4) valorize o papel dos modelos espirituais; (5) vivencie o espectro total da fé; (6) mantenha o foco na realidade invisível e na recompensa; e (7) busque uma identidade positiva.

4.1. CONHECIMENTO

Conheça os elementos identificadores da sua fé. O que define a sua igreja? No caso, quais são os pilares do adventismo? Quem somos? Por que existe apenas um Deus? Por que a Bíblia é a Palavra de Deus? Por que devemos guardar o sábado? Por que a pessoa não passa para outro plano de existência quando morre? Em síntese, você deve descobrir a lógica do seu sistema religioso. Se você não sabe o que você crê e por que crê, não terá motivação para defender e viver a sua crença.

Quase todo o mundo sabe que a Igreja Adventista tem 28 crenças fundamentais, incluindo a crença recente que trata do crescimento espiritual em Cristo. Mas eu não estou falando necessariamente desses fundamentos. Se fôssemos definir sete pontos que identificam a essência do adventismo, quais aspectos você indicaria? Se você conhecer as linhas centrais do adventismo, você terá uma moldura conceitual para avaliar as idéias e pressupostos que encontrar no seu dia-a-dia. Eu destacaria os seguintes elementos que podem ajudar você a “blindar” a sua fé, no sentido de que ela possa resistir aos ataques externos:

(1) A crença em um único Deus pessoal de amor que é a última realidade. Este aspecto pode parecer óbvio, mas ele foi essencial na definição do judaísmo, num contexto idólatra, e continua essencial para o cristianismo, num contexto de exposição às grandes religiões orientais. Ninguém pode negar que a maneira como você imagina Deus tem uma influência pervasiva na sua vida. Crer num Deus pessoal é muito diferente de crer num Deus impessoal. Deus é a realidade última. Deus transcende tudo e não é transcendido por nada.

(2) A crença numa teodicéia lucífera. Teodicéia (do grego *theos*, “deus”, “divindade”, + *dike*, “justiça”) é uma palavra cunhada pelo filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) para designar a tentativa de conciliar a bondade e o poder divinos com a existência do mal no mundo. Para os adventistas, há um conflito cósmico entre o bem e o mal, entre um anjo caído chamado Satanás (palavra hebraica que significa “adversário”) e Deus. Alguns acham que esse conflito é o tema unificador da teologia de Ellen White e até mesmo do adventismo.¹⁰ Eu não penso assim, mas reconheço a importância e a legitimidade bíblica desse conceito.¹¹ O épico *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, é uma ficção, mas o conflito cósmico não é ficção.

Na perspectiva de Ellen White, que talvez desenvolva esse tema mais do que ninguém, Deus, em seu infinito amor, criou seres livres, correndo o risco da liberdade. Sem motivo, o mal surgiu com Lúcifer. Deus permitiu que o mal se desenvolvesse para revelar a natureza da rebelião e reivindicar o seu próprio caráter. A Terra é o palco central desse terrível experimento cósmico, observado com interesse pelos seres inteligentes de todo o Universo. No fim, eles percebem quem Deus realmente é. A questão não é apenas *quando* Deus irá destruir o mal, mas *por que* irá fazê-lo.¹² Ao entender que existe um poder hostil operando invisivelmente, embora usando pessoas e estruturas visíveis, a gente passa a confiar mais em Deus e a testar e filtrar melhor os motivos por trás das idéias e acontecimentos.

(3) A crença na natureza holística do ser humano. Para o adventismo, herdeiro do pensamento hebraico e em oposição ao dualismo grego, o ser humano deve ser visto como um todo, em que a alma é compreendida em conexão com o corpo. No pensamento grego, a pessoa tem uma alma, que é boa e pode/deve ser liberada do corpo. No pensamento hebraico-adventista, a pessoa é uma alma vivente dependente do corpo. Há um contínuo entre matéria e espírito, biologia e espiritualidade. Isso tem inúmeras implicações na religião, epistemologia, biologia, etc.. A Bíblia tem uma dialética espírito-carne, mas ela é diferente da dialética grega mente-corpo. Na visão bíblica, o “espírito” indica a dimensão superior/sobrenatural do ser humano, a qual participa da natureza/vida divina, enquanto a “carne” aponta para a fragilidade humana, pelo fato de o ser humano ter vindo do pó, o que, devido ao pecado, o leva a estar em rebelião e oposição ao divino.¹³

(4) A crença na revelação de Deus registrada em um livro autoritativo. No contexto atual, os livros sagrados estão perdendo espaço como fontes únicas e confiáveis de autoridade. Em certos casos, eles têm uma autoridade afetiva, mas não efetiva. São

usados em cerimônias e rituais, mas já não são levados tão a sério na formulação teológica e na elaboração de uma cosmovisão. Para alguns, a ciência ultrapassou a Bíblia como fonte de autoridade. Isso parece estar começando a ocorrer em certos círculos adventistas no que diz respeito ao relato bíblico da criação. Se a Igreja Adventista quiser manter a sua identidade, tem de continuar crendo em seu livro sagrado. Naturalmente, a Bíblia deve ser interpretada com equilíbrio. A interpretação não pode ser tão livre que se torne inútil do ponto de vista exegético-científico, nem tão tecnicista que perca a relevância da perspectiva homilética-existencial. Longe do biblicismo fundamentalista, é preciso ter uma combinação criativa entre sentido original e significado atual (ou texto e espírito).

(5) A crença numa ordem legal de origem divina. O sistema legal divino torna possível a vida em comunidade e pressupõe Deus como o eixo fixo dessa comunidade. A lei, com o sábado no centro, tem esse papel. Em certo sentido, a lei “criou” a nação de Israel e manteve o seu foco no verdadeiro Criador invisível. Segundo a Bíblia, o Espírito leva o crente a internalizar a lei em sua mente, de modo que ele tenha consciência do mandamento divino, o desejo afetivo de obedecer e o poder para viver a lei do amor. A Igreja Adventista vê a lei como expressão de amor, não um meio de salvação.

(6) A crença em um centro cósmico celestial, de onde Deus administra o Universo. Os adventistas chamam esse centro de “santuário celestial”. É esse centro administrativo que garante justiça para todos os seres. Assim como as sociedades desenvolvidas têm elaborados sistemas de justiça, Deus tem o seu sistema. O juízo divino, em suas diferentes fases, é uma maneira de mostrar quem é justo, a começar pelo próprio Deus.¹⁴

(7) A crença na intervenção pessoal e literal de Deus no planeta. Aqui eu incluo três intervenções especiais, históricas, reais. Primeiro, Deus criou o planeta e a vida. Muita gente não acredita mais nisso. Porém, esse ensino faz parte do centro da fé cristã. Segundo, Deus entrou na história de maneira dramática com a encarnação de Cristo. Terceiro, Jesus voltará ao planeta. Muitos acham que o movimento adventista que pregou a volta de Cristo em 1844 era singular apenas por marcar uma data para esse evento. Mas o fato é que esse movimento revolucionou o pensamento cristão sobre o milênio. Na época, a maioria das igrejas ensinava que Cristo viria após um milênio de conquistas humanas, ou não viria. Os adventistas passaram a ensinar que o milênio viria após uma intervenção divina na história do mundo. A diferença é enorme. Há outros aspectos importantes entre os pilares adventistas, como a crença na liberdade de religião, que por sinal deveria valer internamente (ou seja, assim como uma igreja tem o direito de existir e divulgar suas idéias, os membros de uma denominação também devem ter a liberdade de pensar). Porém, prefiro ficar com os sete itens acima, para não sair do número da perfeição.

4.2. EQUILÍBRIO

Tenha uma visão equilibrada e realista da identidade da sua igreja. Existe hoje um debate sobre a condição de “remanescente” do adventismo. No passado, em alguns círculos, a defesa do adventismo como povo remanescente beirava o sectarianismo; hoje, novamente em alguns círculos, a crítica ao conceito de povo remanescente beira o pluralismo. Para alguns, reivindicar o *status* de remanescente para um povo tão pequeno é pura presunção. O desconforto é sensível.

O Dr. Ángel Rodríguez identifica seis pontos de vista sobre a identidade do adventismo como povo remanescente: (1) a posição tradicional, que define o remanescente como aqueles que guardam os mandamentos e têm o testemunho de Jesus; (2) a idéia de que o remanescente inclui adventistas e não-adventistas; (3) o conceito de que há um remanescente fiel dentro do adventismo remanescente infiel; (4) o ponto de vista de que o remanescente é uma entidade invisível; (5) a sugestão de que o remanescente ainda não é uma realidade; e (6) uma compreensão sociológica do remanescente, no sentido de que ele deve se envolver em atividades político-sociais.¹⁵ O que todas essas posições, exceto a primeira, têm em comum é uma atenuação ou mesmo abandono da idéia de que os adventistas são o povo remanescente.

Será que esse é o caminho? Eu diria que o adventismo é uma síntese teológica especial para o tempo do fim, em que o todo é maior do que a soma das partes. O adventismo

é singular em alguns aspectos, mas não em outros. Ele é único na sua formulação teológica total, semi-único em suas doutrinas isoladas e em sua missão, e não-único em assunto de salvação. A condição de remanescente nasce com um chamado divino, é reforçada com a autopercepção dessa identidade e recebe validação com a exposição aos perigos do exercício da missão. Se o adventismo perder a consciência de que tem um chamado especial, considerando-se apenas uma outra igreja, logo perderá o seu propósito e a sua razão de ser como organização mundial. Porém, a consciência de ser um povo especial nunca deve motivar uma postura sectária, muito menos gerar orgulho. Ser remanescente é amar, servir e sofrer; não é ser perfeito, nem se achar o melhor.

4.3. CONTEXTO

Atualize o conhecimento da verdade e contextualize a mensagem. Se você quer manter a sua identidade, reelabore-a constantemente. Se você quer perdê-la, tente preservá-la intacta. Acho que eu não faria muita violência ao contexto se citar aqui aquele pensamento fantástico de Cristo em Mateus 16:25: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perdê-la por causa de mim achá-la-á.” Nenhuma personalidade ou identidade sobrevive por muito tempo sem absolutamente nenhuma alteração. Só Deus não muda, dizem os escritores bíblicos. Mas hoje muitos teólogos crêem que Deus não muda em seu caráter, mas muda em outros aspectos, ao se interagir com o Universo. A doutrina da impassibilidade de Deus, inspirada na filosofia grega, a qual dizia que Deus não pode sentir ou sofrer, não é bíblica. Se Deus não pudesse sentir, ele não poderia amar. Portanto, não devemos ter medo destas duas ênfases interligadas: a atualização da verdade e a contextualização da mensagem.

É importante aperfeiçoar constantemente o conhecimento da verdade porque, como costumamos dizer, a luz é progressiva. Este conceito – que é bem conhecido dos adventistas, mas freqüentemente esquecido – quer dizer que a verdade é dinâmica. Em certo sentido, ela é provisória. Você tem a verdade básica, mas precisa elaborá-la. Teologia é nuance. Tentar manter a fé dos pioneiros pela negação do progresso é perder o foco e a identidade.

Os pioneiros adventistas, diz George Knight, tinham uma concepção dinâmica da “verdade presente”, criticavam a rigidez dos credos religiosos e acreditavam na verdade progressiva. Havia pontos não-negociáveis, os chamados pilares da fé (sábado, santuário, imortalidade condicional, segunda vinda e, depois, justificação pela fé), mas eles estavam abertos para novos desenvolvimentos teológicos. Portanto, a nova onda de críticas a algumas doutrinas atuais da igreja, como a Trindade, na pressuposição de que as primeiras tradições da igreja são sempre melhores, não combina com o espírito dos pioneiros adventistas.¹⁶

Por outro lado, quem não contextualiza se fossiliza. Algumas igrejas e pessoas tendem ao sincretismo, enquanto outras tendem ao isolacionismo. Nenhuma das duas posturas é ideal. Na perspectiva bíblica, a contextualização é talvez o melhor caminho. A palavra “contextualização” vem sendo utilizada desde a década de 1970. Contextualizar significa levar em conta o mundo cultural das pessoas, abrindo mão do que é secundário e dando prioridade ao que é essencial. Contextualizar é ceder na forma para preservar o conteúdo. É permitir que o cliente escolha a embalagem que ele mais gosta para vender a mercadoria para o maior número possível de pessoas. É preciso ter respeito pela cultura grupal da sua denominação e incorporar novos elementos de forma responsável. Não dá para promover uma espécie de helenização geral e irrestrita, com falsos deuses e tudo.

No Novo Testamento, vemos vários casos de contextualização. Por exemplo, em Atos 15, encontramos os apóstolos discutindo o que deveria ser exigido dos gentios que se convertiam. Até que ponto eles podiam contextualizar sem desfigurar a essência da fé cristã? Eles raciocinaram a partir da experiência (vv. 8, 12), do senso comum (vv. 9, 10) e das Escrituras (vv. 13-21). Sua decisão “light” em relação aos gentios foi considerada uma decisão do Espírito Santo (v. 28).¹⁷

Paulo era, sem dúvida, o maior contextualizador cristão. Em seu texto clássico sobre a contextualização, I Coríntios 9:19-23, ele fala de quatro grupos com os quais ele “camaleonicamente” se identificava: (1) judeus, (2) os que estão sob a lei, (3) os que estão sem lei e (4) os débeis. Seu motivo para contextualizar era entrar no mundo das pessoas e convertê-las a Cristo. Alguns acham que ele traiu o legado de Jesus. Mas não é isso. Ele queria fazer uma ponte entre a mentalidade judaica e o mundo gentio, a fim de que Jesus fosse reconhecido em ambas as culturas como o Messias aguardado.

A cultura é um fenômeno essencialmente humano que ocorre na paisagem espaço-temporal, incluindo uma multiplicidade de manifestações, criando uma diversidade de signos e



evocando uma infinidade de imagens. Todos nós vivemos num contexto cultural. Por isso, em vez de combater a cultura como um mal, é mais inteligente ver onde o cristianismo e a cultura convergem e onde divergem. Não criemos barreiras desnecessárias à transmissão da identidade cristã, pois já existem muitas.

4.4. IMITAÇÃO

Valorize o papel dos modelos espirituais. Os povos antigos conheciam muito bem o motivo da imitação dos heróis e dos deuses. E. J. Tinsley, um estudioso do assunto, mostra que a imitação era parte fundamental da prática religiosa de vários povos antigos e também do cristianismo.¹⁸ Para os muçulmanos, Maomé é visto como o grande modelo (Alcorão 33:21). No judaísmo, os heróis são tipos culturais ideais a ser imitados. A Bíblia apresenta vários convites à imitação de heróis espirituais e mesmo de Deus. No Antigo Testamento, Deus disse: “Sejam santos porque eu sou santo” (Lv 19:2). Isso era uma maneira de dizer: “Eu sou o modelo ético de vocês”.

No Novo Testamento, o tema da imitação aparece especialmente em Paulo, que convida os crentes a imitar a ele mesmo, a Jesus e ao próprio Deus. Mas Paulo não é o único incentivador da imitação. João e Pedro também desenvolvem o tema. No Apocalipse, segundo Mitchell Reddish, Jesus é apresentado como o protomártir a ser imitado.¹⁹ E há quem defenda que os relatos biográficos dos evangelhos tenham sido escritos, em parte, para mostrar aos crentes como se comportar. David Capes defende que o gênero “evangelho” pertence à categoria das antigas biografias que visavam oferecer ao leitor um padrão para imitar.²⁰ Na época, era comum escrever e ler biografias de pessoas notáveis para imitar suas virtudes. Jesus era o modelo ideal dos crentes.

Com o tempo, os teólogos cristãos passaram a desvalorizar a imitação. Isso ocorreu por três motivos básicos. Primeiro, a palavra imitação passou a significar algo artificial, não autêntico e original. Imitar é copiar. Segundo, a imitação poderia ameaçar a obra de salvação efetuada por Cristo. Afinal, a salvação é teocêntrica. Ela vem de Deus. É baseada na graça e recebida pela fé. Antes de ser Modelo, Cristo é Salvador. Terceiro, como imitar o modelo divino? É uma imitação literal ou simbólica? Mas nenhuma dessas críticas realmente invalida a importância da imitação, quando corretamente entendida.²¹

Hoje, os pesquisadores estão entendendo que a imitação tem um papel fundamental na formação da identidade religiosa e do crescimento espiritual.²² Nós imitamos o tempo todo. Imitamos na música, no esporte, na religião, enfim, em tudo. Todo mundo imita. Até os animais imitam, e nós imitamos os animais. Procuramos ser trabalhadores como as formigas, prudentes como as serpentes e simples como as pombas. Imitamos através da informação obtida pela observação direta ou por meio de filmes, leitura, sermões e outros modos, consciente ou inconscientemente. Segundo Albert Bandura, quatro processos principais governam o aprendizado observacional: (1) atenção (observe os modelos e exemplos), (2) retenção (leia, fale, cante sobre os modelos), (3) reprodução (pratique as virtudes vistas nos modelos) e (4) motivação (veja como o padrão de comportamento deu bom resultado e trouxe felicidade na vida do modelo).²³

A imitação de heróis do passado e do presente, como Moisés, José, Daniel, João, Pedro, Paulo, Ellen White, Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr., Madre Teresa e, acima de tudo de Cristo, nos ajuda a formar a nossa identidade e a ter discernimento e firmeza ao enfrentar os desafios à nossa identidade. Os modelos – sejam heróis, mártires ou exemplos, famosos ou quase anônimos – ajudam-nos a definir quem somos e como devemos agir nas situações de crises. Gandhi se inspirou na ética não-retaliadora de Cristo e Martin Luther King Jr. se inspirou no pacifismo de Gandhi.

Com a ênfase contemporânea na auto-realização e no sucesso individual, parece que a sociedade moderna perdeu um pouco da sua dimensão heróica, que é altamente dependente do contexto social, embora a auto-realização no fundo também seja um fenômeno social.²⁴ O fato é que muita gente já não mede o valor pessoal pela autenticidade, nobreza e contribuição pública. Um herói pode ser definido como aquele que tem virtudes, habilidades ou nobres ideais num grau excepcional e usa-os para o bem coletivo, mesmo em detrimento de uma perda pessoal. O herói não é aquele que não tem fraquezas ou defeitos, mas aquele que supera os obstáculos.

Infelizmente, não é fácil achar heróis e modelos extraordinários na academia e na igreja hoje para imitá-los em todos os sentidos. Mesmo os heróis hebreus antigos eram vistos como encarnando certas virtudes. Abraão, por exemplo, era o pai da fé. Os heróis não eram

modelos perfeitos em tudo. Na verdade, os heróis perfeitos só funcionam para as crianças e grupos mais tradicionalistas. Os jovens e as pessoas mais liberais preferem heróis mais próximos ao mundo real. O que importa é a integridade com que o herói encara os fracassos.

Mas, se não temos muitos heróis públicos, temos o exemplo do maior deles: Cristo. Imitar a Cristo é muito mais do que apenas tentar agir superficialmente como ele. A imitação ocorre do âmago do nosso ser. Imitar é uma aventura de fé. É viver o seu amor sacrificial em todos os momentos. É ter o seu pensamento, a sua atitude, o seu comportamento. A identidade de Cristo pode iluminar a sua identidade e facilitar a sua jornada pessoal como cristão e adventista.

4.5. ABRANGÊNCIA

Vivencie o espectro total da fé. As dimensões básicas da religiosidade têm sido classificadas como: (1) ideológica (crenças), (2) intelectual (conhecimento), (3) ritualística (rituais), (4) experiencial (experiências) e (5) conseqüencial (efeitos).²⁵ Em que a sua igreja é forte e em que ela precisa melhorar? Todos esses aspectos são importantes e devem ser levados em conta.

Cada uma das grandes religiões mundiais se identifica mais diretamente com algum ponto da classificação acima. Não dá para simplificar demais a complexidade de um movimento religioso. Mas, como regra, podemos dizer que o cristianismo enfatiza a crença correta (ortodoxia), o islamismo defende a obediência correta, o judaísmo valoriza a prática correta (ortopraxis) e o budismo e o hinduísmo buscam a experiência correta. A Igreja Adventista é forte nos itens 1 e 2 acima, e mais ou menos no 5. Ela é, provavelmente, deficiente nos itens 3 e 4. Por isso, desejo ressaltar estes pontos: ritual e experiência.

Se você quer manter alguma coisa viva em sua vida, você tem de estar em contato com ela. Aristóteles, além de conceituar a virtude como o meio-termo entre dois extremos, descobriu que a virtude é mais facilmente incorporada à vida da pessoa mediante a habituação, ou seja, através de hábitos e prática.²⁶ Isso é confirmado pelos psicólogos modernos. Você reforça a identidade de sua fé quando a exercita através de rituais.

Os rituais deixados na Bíblia têm essa finalidade básica. Moisés disse que os hebreus deveriam ensinar o tempo todo seus filhos a amar a Deus: deitando, levantando, andando, comendo (Dt 6:4-9). O sábado é um ritual semanal destinado a celebrar a Deus como Criador. As festas judaicas eram lembranças das maravilhas de Deus em favor de Israel. A Ceia é um ritual para dirigir nosso olhar para o passado (a cruz) e o futuro (a volta de Cristo e a Ceia escatológica no Céu).

O ritual sagrado forma, molda, renova e reforça a nossa identidade de modo marcante. A adoração – através de narrativas, rituais e relações sociais num dado contexto de tempo e espaço – é a matriz da formação da nossa identidade religiosa. Ela sustenta e transmite a nossa identidade. Como adoramos define quem somos. Isso significa que a formação da identidade é tarefa individual e coletiva. A Igreja Adventista, a começar por você, deve investir em cultos que realmente promovam o encontro com o sagrado.

Quanto à experiência, não dá para negar que ela tem um papel básico em nossa vida religiosa. A experiência é a percepção do toque divino na vida, sem passar por julgamento crítico externo. Mais do que o senso do sagrado, é o encontro com o Infinito, gerando assombro, admiração e o desejo de adorar. E, mais do que um simples maravilhamento diante do Inefável, é a resposta de fé numa prazerosa entrega total do eu. Você percebe o “sim” de Deus e responde “sim” a Deus.

A experiência está no centro da espiritualidade. Quem não conhece Deus experimentalmente não pode ter uma espiritualidade criativa. Somente quem reconhece as epifanias divinas no dia-a-dia, com emoção e abertura, pode nutrir e desenvolver uma espiritualidade vibrante. Sem perder o realismo da cruz, você precisa ter uma experiência religiosa profunda. Música, oração, leitura da Bíblia e contemplação da natureza estão entre os veículos utilizados pelo Espírito para desencadear experiências religiosas.

4.6. PERSPECTIVA

Mantenha o foco na realidade invisível. A Bíblia tem uma mensagem especial sobre a perseverança na fé, baseada na visão espiritual do invisível. Paulo nos incentiva a prestar atenção nas coisas que não se vêem (2Co 4:18). O autor de Hebreus (11:27) diz que Moisés permaneceu firme em seu propósito porque viu o invisível. No Apocalipse, como revelam pesquisas recentes, João usa uma série de técnicas para incentivar seus leitores a manter a

identidade religiosa mesmo em face das perseguições e ameaças de morte por parte do poder imperial de Roma.²⁷ Há uma recompensa para quem vê além do horizonte e, conscientemente, decide perseverar na peregrinação.

O adventismo não é tão ligado ao visual como outras tradições religiosas cristãs. O adventismo tem um caso de amor com a verdade, que tem a ver com a palavra. A arte que o adventismo valoriza é a arte utilitária, ilustrativa de uma narrativa conhecida e aceita.²⁸ Nesse sentido, somos mais parecidos com a cultura hebraica, que valorizava a palavra escrita e o tempo sagrado, do que com a cultura grega, que valorizava mais a cultura visual e o espaço sagrado. Uma cultura é baseada na palavra; a outra é baseada na imagem. Isso, naturalmente, tem implicações na teologia e na religião do dia-a-dia.

A Igreja Ortodoxa tem toda uma teologia em torno dos ícones. A Igreja Católica também tem uma profunda tradição de imagens. Algum tempo atrás, quando eu estudava na Andrews University, tive a oportunidade de visitar algumas vezes a Universidade de Notre Dame, em South Bend, Indiana. Notre Dame é a capital intelectual do catolicismo nos Estados Unidos. O ponto que desejo ressaltar é que em Notre Dame você vê uma série de apelos visuais que lembram aspectos da fé católica. O próprio prédio da biblioteca tem uma imagem. Isso não acontece com as escolas adventistas.

O apelo ao visual é uma vantagem e uma desvantagem ao mesmo tempo. É “vantagem” porque tenta manter a fé sempre presente na mente dos estudantes e dos professores. É uma desvantagem porque pode virar rotina, se transformar numa forma de idolatria e desviar a mente do real. Num livro recente, Arthur Hunt procura mostrar que a veneração da imagem e do visual na sociedade pós-moderna pode levar o mundo a uma nova versão *high-tech* da Idade Escura.²⁹ O argumento principal de Hunt é que o legado judeu-cristão é caracteristicamente baseado na palavra (apelo ao conteúdo), enquanto a herança pagã é tipicamente dependente da imagem (apelo ao visual). Como a cultura da imagem está suplantando a cultura da palavra, estamos recriando uma espécie de paganismo. Está surgindo uma geração de pessoas acrílicas, que não sabem ler, interpretar e pensar. Os deuses da cultura popular na era da imagem são o sexo, a violência e a celebridade. Será que o título de uma novela recente da Globo (*Celebridade*) foi mera coincidência?

4.7. AFIRMAÇÃO

Busque uma identidade positiva. A nossa identidade é definida pelo que somos e pelo que não somos, pelo que cremos e pelo que não cremos, pelo que fazemos e deixamos de fazer. Porém, o elemento afirmativo deve ter prioridade. Descubra os elementos básicos e definidores da sua fé e valorize-os. Você não deve construir uma identidade em oposição ao outro. Viver uma fé caracterizada pelo combate às idéias e crenças dos outros é difícil e desgastante.

Se os outros têm algo de bom a oferecer a você e a dizer de você, então você deve reconhecer o valor deles para a sua identidade. Não ataque a identidade dos outros para afirmar a sua. As pessoas valorizam suas tradições assim como amam seus familiares e amigos. Ninguém tem o direito de destruir o sistema de crença dos outros se não tiver algo melhor para oferecer. Se você acredita nas doutrinas da sua igreja, você pode e deve tentar convencer os outros. Contudo, há uma maneira certa de fazer isso. Não conquistamos amigos através de violência verbal, mas de um diálogo amistoso, do testemunho positivo.

5. CONCLUSÃO

Para concluir, eu gostaria de sugerir que é o Espírito Santo quem possibilita a expressão real da identidade religioso-espiritual num mundo plural. Por isso, além da identidade doutrinária, devemos buscar a identidade no Espírito.

Em Atos 2, durante o Pentecostes, vemos um fenômeno fantástico. Quando o Espírito Santo desceu, as pessoas reconheceram que os apóstolos estavam falando sua língua. O Pentecostes foi um encontro de idéias e culturas em que o outro foi reconhecido e valorizado. Abriu-se um canal de comunicação. De repente, como Joel profetizara, pessoas marginalizadas ganham um espaço e começam a se sentir parte da nova comunidade messiânica, num clima de amor e aceitação.

A presença do Espírito não destrói a identidade particular, nem elimina as diferenças, mas traz harmonia na diversidade. Como diz Miroslav Volf, “o milagre do Pentecostes consiste em inteligibilidade universal e movimento livre no meio de heterogeneidade cultural e social”.³⁰ O milagre pode se repetir hoje.

**PERGUNTAS PARA REFLEXÃO**

Aqui está um pequeno questionário de dez perguntas para você interagir em grupo:

1. Como você define identidade religiosa?
2. Quais são as vantagens de ter uma identidade religiosa forte?
3. Como se forma a identidade religiosa dos jovens?
4. Você acha importante manter a identidade legada pelos pioneiros da sua igreja?
5. Por que há tanta mobilidade religiosa hoje?
6. Qual é a melhor estratégia para manter a identidade religiosa?
7. É viável se isolar do mundo para manter a identidade religiosa?
8. O pluralismo é uma categoria inevitável hoje?
9. Como manter o equilíbrio entre particularismo e universalismo?
10. Sua identidade espiritual contribui para a tolerância, a aceitação e o amor entre as pessoas de diferentes tradições religiosas?

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ Para um estudo sobre a experiência religiosa de crianças, adolescentes e jovens finlandeses, veja Kalevi Tamminen, "Religious Experiences in Childhood and Adolescence: A Viewpoint of Religious Development Between the Ages of 7 and 20", *The International Journal for the Psychology of Religion* 4 (1994): 61-85.

² O texto desta seção é, em parte, adaptado de Marcos De Benedicto, "Cristianismo Global", *Sinais dos Tempos*, janeiro-fevereiro de 2000, 26-27.

³ O endereço do World Council of Churches na internet é: <http://www.wcc-coe.org>.

⁴ Bert B. Beach, *Ecumenism: Boon or Bane?* (Washington, DC: Review and Herald, 1974), 18, 21.

⁵ John Hick, *An Interpretation of Religion* (New Haven: Yale University Press, 1989), 240. O endereço oficial de Hick na internet é: www.johnhick.org.uk.

⁶ Um autor que vale a pena consultar é Harold A. Netland, *Encountering Religious Pluralism: The Challenge to Christian Faith and Mission* (Downers Grove: InterVarsity, 2001).

⁷ Para apenas um exemplo relevante, veja Amos Yong, *Beyond the Impasse: Toward a Pneumatological Theology of Religions* (Grand Rapids: Baker Academic; Carlisle, Cumbria, UK: Paternoster, 2003).

⁸ Ver John Hick, *A Metáfora do Deus Encarnado* (Petrópolis: Vozes, 2000).

⁹ *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine*, edição anotada (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2003).

¹⁰ Herbert Douglass, *Mensagem do Senhor: O Ministério Profético de Ellen White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 256-267.

¹¹ Para a minha posição, ver Marcos C. De Benedicto, "The Role of the Holy Spirit in Enabling Believers for Ministry: An Adventist Perspective" (tese de D.Min., Andrews University, 2004), 401-406.

¹² Richard Rice, "The Great Controversy and the Problem of Evil", *Spectrum* 32 (2004): 46-55.

¹³ Para um estudo iluminador contrastando o pensamento hebraico e grego, incluindo os conceitos de "alma", "corpo" e "espírito", veja Claude Tresmontant, *A Study of Hebrew Thought* (Nova York: Desclée, 1960).

¹⁴ Frank B. Holbrook, em seu livro *O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), apresenta uma visão representativa do pensamento adventista atual sobre o assunto do santuário.

¹⁵ Ángel M. Rodríguez, "The Remnant in Contemporary Adventist Thinking", em *Pensar la Iglesia Hoy: Hacia Una Eclesiología Adventista*, ed. Gerald A. Klingbeil, Martin G. Klingbeil e Miguel Ángel Núñez (Libertador San Martín, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002), 269-279.

¹⁶ George R. Knight, *A Search for Identity: The Development of Seventh-Day Adventist Beliefs* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), 17-28, 117.

¹⁷ Benedicto, "The Role of the Holy Spirit", 388.

¹⁸ E. J. Tinsley, *The Imitation of God in Christ: An Essay on the Biblical Basis of Christian Spirituality* (Philadelphia: Westminster, 1960).

¹⁹ Mitchell G. Reddish, "Martyr Christology in the Apocalypse", *Journal for the Study of the New Testament* 33 (1988): 85-95.



- ²⁰ David B. Capes, “*Imitatio Christi* and the Gospel Genre”, *Bulletin for Biblical Research* 13 (2003): 1-19.
- ²¹ Em minha tese “The Role of the Holy Spirit”, citada acima, eu dedico várias páginas (171-182) ao tema da imitação e considero essas objeções.
- ²² Ver Doug Oman e Carl E. Thoresen, “Spiritual Modeling: A Key to Spiritual and Religious Growth?”, *The International Journal for the Psychology of Religion* 13 (2003): 149-165.
- ²³ Albert Bandura, *Social Foundations of Thought and Action* (Englewoods Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986). Veja também Oman e Thoresen, 154-155.
- ²⁴ C. Taylor, *The Ethics of Authenticity* (Cambridge: Harvard University Press, 1991).
- ²⁵ Ver C. Y. Glock e R. Stark, *Religious and Society in Tension* (Chicago: Rand Mc Nally), 1965.
- ²⁶ Para uma excelente introdução à ética de Aristóteles, veja Nancy Sherman, *The Fabric of Character: Aristotle’s Theory of Virtue* (New York: Oxford University Press, 1989).
- ²⁷ Ian Smith, “A Rational Choice Model of the Book of Revelation,” *Journal for the Study of the New Testament* 85 (2002): 97-116.
- ²⁸ Ver John N. McDowell, “Looking for Visual Truth: At Play with the Aural and Visual in Adventism”, *Spectrum* 29 (2001): 25-32
- ²⁹ Arthur W. Hunt III, *The Vanishing Word: The Veneration of Visual Imagery in the Postmodern World* (Wheaton: Crossway, 2003).
- ³⁰ Miroslav Volf, *Exclusion and Embrace: A Theological Exploration of Identity, Otherness, and Reconciliation* (Nashville: Abingdon, 1996), 228-229.